

Primeiro Ato - Primeiro Quadro

Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta ?...

ROSA - Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta ? Já não chega ?...

ZÉ - Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. *(Ele sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição).*

ROSA - Que é que você está procurando ?

ZÉ - Qualquer coisa escrita... pra a gente saber se essa é mesmo a igreja de Santa Bárbara.

ROSA - você já viu igreja com letreiro na porta, homem ?

ZÉ - É que pode não ser essa...

ROSA - Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse ? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...

ZÉ - *(Corre os olhos em volta)*

Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA - Essa hora está todo o mundo dormindo. *(Olha-o quase com raiva).*

Todo o mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. *(Levanta-se e procura convencê-lo).* Escute, ZÉ... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama ?...

ZÉ - E a cruz ?

ROSA - Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ - Podem roubar...

ROSA - Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus ? Pra que serve uma cruz ?

ZÉ - Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou ; se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sete léguas [14].

ROSA - Pra quê ? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

ZÉ - É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armarinho [15] e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoa a dívida ? Uma ova !

ROSA - Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à igreja de Santa Bárbara. Está aí a igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ - Mas aqui não é a igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA - Oxente ! [16] Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que diabo.

ZÉ - *(Pensativo)* Só se eu falasse com ela e explicasse a situação...

ROSA - Pois então... fale !

ZÉ - (Ergue os olhos para o céu, medrosamente e chega a entreabrir os lábios, como se fosse dirigir-se à santa. Mas perde a coragem) Não, não posso...

ROSA - Por que, homem ?! Santa Bárbara é tão sua amiga... Você não está em dia com ela ?

ZÉ - Estou, mas esse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua da gente... não se pode saber o que ele pensa. E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sete léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA - E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no “hotel do padre”. *(Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja).*
E se tudo isso ainda fosse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ - Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA - Agora você diz isso. Dissesse antes...

ZÉ - Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA - Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você for...

ZÉ - Então...

ROSA ajeita-se da melhor maneira possível no degrau, enquanto ZÉ-do-Burro, não menos cansado do que ela faz um esforço sobre-humano para não adormecer. Cochila [17], montando guarda à sua cruz. Subitamente, irrompem na praça Marli e Bonitão. Ela tem, na realidade, vinte e oito anos, mas aparenta mais dez. Pinta-se com algum exagero, mas mesmo assim não consegue esconder a tez amarelo-esverdeada. Possui alguns traços de uma beleza doentia, uma beleza triste e suicida. Usa um vestido muito curto e decotado, já um tanto gasto e fora de moda, mas ainda de bom efeito visual. Seus gestos e atitudes refletem o conflito da mulher que quer libertar-se de uma tirania que, no entanto, é necessária ao seu equilíbrio psíquico - a exploração de que é vítima por parte de Bonitão vem, em parte, satisfazer um instinto maternal frustrado. Há em seu amor e em seu aviltamento [18], em sua degradação voluntária, muito de sacrifício maternal, ao qual não falta, inclusive, um certo orgulho. Bonitão é insensível a tudo isso. Ele é frio e brutal em sua “profissão”. Encara a exploração a que submete Marli e outras mulheres, como um direito que lhe assiste, ou melhor, um dom que a natureza lhe concedeu, juntamente com seus atributos físicos. Em seu entender, sua beleza máscula e seu vigor sexual, aliados a um direito natural de subsistir, justificam plenamente seu modo de vida. É de estatura um pouco acima da média, forte e de pele trigueira [19], amulatada. A ascendência negra é visível, embora os cabelos sejam lisos, reluzentes de gomalina e os traços regulares, com exceção dos lábios grossos e sensuais e das narinas um tanto dilatadas. Veste-se sempre de branco, colarinho alto, sapatos de duas cores. Descem a ladeira, ela na frente, a passos rápidos. Ele a segue, como se viessem já de uma discussão.

[14] Léguas = Cinco quilômetros

[15] Armarinho = Mercier

[16] Oxente ! Termo usado, principalmente na região nordeste do Brasil, para expressar surpresa, exclamação.

[17] Cochilar = Somnoler, s’assoupir

[18] Aviltamento = Avilissement

[19] Pele trigueira = pele morena, que tem a cor do trigo maduro. Très mate, burinée.